

**FILOSOFIA, GÊNERO E FEMINISMO:
HANGOUT EM OCASIÃO DO DIA MUNDIAL DA FILOSOFIA DA
UNESCO 2017**

**PHILOSOPHY, GENDER AND FEMINISM:
HANGOUT ON THE OCCASION OF THE UNESCO WORLD
PHILOSOPHY DAY 2017**

**Fabio Alves Gomes Oliveira, Gabriele Cornelli, Maria Cecília de Miranda
Nogueira Coelho, Gisele Dalva Secco, Nastassja Pugliese, Renato Matoso
Brandão¹**

RESUMO

No mês de Novembro de 2017, em ocasião do Dia Mundial da Filosofia da UNESCO, a Cátedra UNESCO Archai, do Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília, organizou um hangout Unesco sobre o tema filosofia, gênero e feminismo, do qual participaram diversxs colegas brasileirxs, especialistas do tema, acima assinadx. A gravação integral do hangout está disponível aqui: <https://youtu.be/LH5LwTegGG4>. Segue abaixo uma transcrição, revista e adaptada pelxs autorxs.

Palavras-chave: Filosofia, Gênero, Feminismo, Unesco.

ABSTRACT

In November 2017, on the occasion of the UNESCO World Philosophy Day, the UNESCO Archai Chair of the Postgraduate Program in Metaphysics of the University of Brasilia organized a Unesco hangout around the theme of Philosophy, Gender and Feminism. Several Brazilian teachers, specialists in these subjects, have signed up. The full Hangout Recording is available at <https://youtu.be/LH5LwTegGG4>. Below is a transcript, revised and adapted by the authors.

Palavras-chave: Philosophy, Gender, Feminism, Unesco.

Gabriele Cornelli: Olá a todos e a todas! Olá, gente da filosofia! A Cátedra UNESCO Archai, em colaboração com alguns amigos e algumas amigas aqui do Brasil, decidiu conversar – fazer um Hangout UNESCO em comemoração ao Dia Mundial da Filosofia, junto com colegas e amigxs espalhados aqui pelo País – e decidimos tratar de um tema necessário – um tema, infelizmente, de certa maneira ainda dramático: o tema do gênero e do feminismo. É claro que queremos falar disso a partir da nossa experiência, nossa vivência e dos estudos de



filosofia que nos fazem encontrar aqui. O dia mundial da filosofia, que está sendo celebrado neste mês de novembro, foi criado pela UNESCO em 2002, é sempre celebrado na terceira quinta-feira do mês de novembro. Este ano a UNESCO decidiu que não haveria um tema, para que a diversidade – as formas em que se faz filosofia no mundo inteiro – pudesse ser de fato o tema do Dia. Nós da Cátedra UNESCO Archai, aqui do programa de Pós-Graduação em Metafísica, decidimos conversar sobre gênero e feminismo. Eu gostaria de agradecer a presença de vocês aqui – reunidos na tela – e passar imediatamente a palavra para o colega, professor Renato Matoso Brandão, da PUC do Rio, que irá mediar esta conversa. Muito obrigado, Renato.

Renato Matoso: Eu também agradeço a participação de todos, fico muito feliz de, mais uma vez, participar do Hangout dia mundial da filosofia – promovido pela UNESCO. Ano passado, eu participei dos bastidores e, dessa vez, tenho a grata tarefa de mediar o evento. A gente pensou em algumas questões para direcionar a conversa; acho que a melhor maneira de procedermos é passarmos direto para as questões e usar a primeira delas como uma oportunidade para cada um se apresentar. Bom, a primeira questão que eu gostaria de fazer a cada um de vocês é: Como o trabalho e a pesquisa de vocês está relacionado com o tema da nossa conversa de hoje — Filosofia, gênero e feminismo. Gostaria de começar pela Cecília, professora da UFMG, uma grande amiga e muito admirada colega. Por favor, Cecília.

Maria Cecília Coelho: Em primeiro lugar, bom dia. Gostaria de dizer que é uma alegria participar deste "hangout". Já havia colaborado no ano passado, por ocasião da mesma data comemorativa, e é com grande satisfação que retorno, convidada pelo Gabriele (a quem parabeno pela iniciativa e escolha do tema, tão pertinente). Bom, há muitos anos como professora tenho experimentado algumas situações difíceis, constrangedoras, pelo simples fato de ser mulher. Na verdade, desde que eu entrei para a universidade, na minha primeira graduação, em matemática (antes da segunda, em filosofia), lembro-me de como me sentia constrangida nas disciplinas de Cálculo 1, Cálculo 2, nas quais eu era a única mulher em uma turma de cerca de 20 alunos, assim como do jeito como eles ficavam desconfortáveis quando eu me aproximava, pressão esta que me levou a impor a mim mesma (tolamente, diria hoje), para não me destacar do grupo, uma forma de me comportar e até de me vestir de maneira mais parecida com "meninos", usando cores sóbrias e até cortes de cabelos no estilo "joãozinho". Muitos anos depois, já doutora e professora, a lembrança dessa sensação de estranhamento começou a se tornar um objeto de reflexão mais sistemático para mim, inclusive orientando o modo como me polício para saber agir e reagir, a fim de ajudar a

minimizar sofrimento e constrangimentos para mim e para outras mulheres. Isso se deu em decorrência de um episódio particular, quando fui chamada a participar de uma mesa-redonda em uma universidade no sul do Brasil, o que me deixou muito honrada por ter sido convidada para estar ao lado do professor Newton da Costa. O fato é que assim que cheguei e me aproximei de um grupo de professores, no corredor do prédio, ao cumprimentá-los, um deles, membro do departamento, me perguntou algo assim: "você veio de preto para parecer mais inteligente? Sim, as mulheres gostam de usar a cor preta para parecerem inteligentes". Foi assustador ouvir um comentário como aquele, que, pude perceber, foi também constrangedor para outros professores, mas mesmo assim respondi (deveria?!) esboçando uma resposta irônica sobre umas das grandes dificuldades na filosofia em distinguir "ser" e "parecer". Esse é apenas um exemplo, em meio a tantos outros pelos quais passei e nos quais machismo, sexismo e outros preconceitos vão se misturando com falta de cortesia ou maneiras mínimas de civilidade. Infelizmente, quando o assunto vem à tona, nos relatos de outras colegas, não apenas da área de filosofia, o repertório de casos constrangedores, bem como de outras situações mais graves, é enorme. São frequentes, ainda, nos corredores da filosofia, piadas como "há três pessoas incapazes de aprender lógica: homens apaixonados, mulheres apaixonadas e mulheres não-apaixonadas" (infelizmente dita em classe pelo meu professor, no primeiro dia de aula de Lógica I). Sobre a pergunta relativa às questões de gênero ligada ao tema de minha pesquisa atual, vale notar que não sou uma estudiosa da história do feminismo, das questões de gênero e da conexão de tais temas com a história da filosofia. No entanto, eles afetam meu trabalho, pois, como um dos meus temas de pesquisa é a relação entre literatura dramática grega (em particular o teatro de Eurípidés) e o movimento sofista (em particular a obra de Górgias) há, certamente, uma intersecção entre os textos desse autores clássicos e a história da construção das imagens da mulher. Explico-me: Eurípidés é famoso, entre outras coisas, por colocar mulheres complexas em cena, como Medeia, Helena, Fedra, Electra etc., que têm um poder de deliberação, ação e persuasão notável. Górgias, por outro lado, sendo o autor do breve mas sofisticado Elogio a Helena, trouxe na figura da bela espartana uma pletora de temas cruciais para a filosofia e para a discussão sobre a representação da mulher, que moveu tantos navios e motivou tantos escritores. Curiosamente, o fato de eu trabalhar com tragédia e oratória gregas também já fez com que algumas pessoas me perguntassem "mas você, que tem tanta preocupação com o feminismo, com as mulheres, lidar justamente com autores em que a mulher só tem poder de fala na ficção?" Como se sabe, na Grécia Antiga, na estrutura da pólis, a condição da mulher como ser racional e agente político não era das melhores, para dizer o mínimo – e o comentário de Péricles na Oração

Fúnebre transmitida por Tucídides sinaliza bem isso, quando diz que o ornato da mulher é o silêncio (ela não deve falar, e nem dela se deve falar, algo que ainda hoje é marcante, na diferença de sentido entre uma "mulher pública" e um "homem público"). Eu acho curiosa essa observação de alguns colegas, porque é justamente o conhecimento sobre a situação da mulher em uma sociedade que é o berço da democracia ocidental que nos permite compreender certas concepções (e preconceitos) que perduram ainda hoje a respeito da alegada inferioridade, incapacidade de reflexão racional, acrasia etc. Enfim, acho que isso é o suficiente para me introduzir e introduzir a minha preocupação com esses temas na Antiguidade, e ainda hoje, do ponto de vista teórico e prático.

Renato Matoso: Perfeito, Cecília. Muito obrigado. Queria passar a palavra, então, para a Nastassja Pugliese, que é outra grande companheira e colega, vinda agora dos EUA e que certamente tem coisas interessantes – trata do tema em sua pesquisa diária e, como a própria Cecília falou, vivencia na pele. Por favor, Nastassja.

Nastassja Pugliese: Bom dia, pessoal. Obrigada pelo convite, Gabriele, é um prazer estar aqui falando sobre um tema tão importante e difícil. Eu gostaria de começar dizendo que é quase impossível, nos dias de hoje, encontrar mulheres que fazem ciência que não queiram falar de suas histórias, que não tenham interesse nas questões levantadas pelo feminismo e não estejam atentas ao lugar que ocuparam e que ocupam na Academia. Há uma intensa demanda por uma escuta localizada que capture as vozes, durante muito tempo silenciadas ou negligenciadas, das mulheres na Academia. Essa vontade de retomar as vozes passadas e estudar especificamente o lugar e a história das mulheres nas ciências criou espaço para a fala e para a investigação, gerando um movimento potente que estimula cada vez mais mulheres a dar seu testemunho e a se engajar com a questão. Segundo uma pesquisa recente da ONU, das pesquisas realizadas ao redor do mundo, apenas 30% é feita por mulheres. Sabemos que essa realidade é ainda mais complexa na Academia brasileira e, mais particularmente, nos seus departamentos de filosofia que possui pouca quantidade de pesquisadoras-professoras mulheres nos postos mais altos da profissão. Hoje, há departamentos no Brasil com uma única professora no quadro principal e há departamentos sem nenhuma. Nesse sentido, o engajamento com as questões feministas está ligado a um exercício de sobrevivência das mulheres na Academia, a um esforço de sobrevivência profissional e uma busca por uma melhora nas condições de trabalho e de troca interpessoal. Por isso, precisamos nos ouvir, entender as relações em que a gente se encontra e tentar, devagarzinho, de diferentes maneiras, mostrar para os outros essas situações históricas para a gente conseguir transformá-

las. Minha pesquisa principal é em história da filosofia; pesquiso os antecedentes históricos da filosofia do século XVII – mais especificamente, as questões relativas à metafísica e à lógica no começo da modernidade. Apesar do foco da pesquisa ser a metafísica de Espinosa, analiso também o contexto de debate das questões sobre imaginação e substância, os seus predecessores e a influência de sua filosofia nos séculos seguintes. No decorrer desta investigação, que realizei durante o doutorado na Universidade da Georgia e que realizo agora no pós-doutorado na Universidade de São Paulo, descobri uma linha metodológica que considero de fundamental importância para os avanços nas pesquisas em história da filosofia: a reflexão sobre a constituição do cânone da história da filosofia e a busca por sua expansão. Essa preocupação metodológica em avaliar as narrativas existentes e procurar construir compreensões sobre a história da filosofia que não reproduza e não reforce ausências de figuras importantes, mas não canônicas, se reflete em um esforço de resgate de autores e autoras menos conhecidos cujas obras contribuem para uma reconstrução mais complexa, mais detalhada e mais rica da história da filosofia. Então, a minha pesquisa vai nesse sentido e procura resgatar o trabalho das mulheres que realizaram trabalhos autorais e originais no século XVII, dialogando com os debates da época e contribuindo para as mudanças próprias do começo da modernidade. E claro, a pesquisa também se debruça sobre os problemas epistemológicos e metodológicos que surgem deste resgate. Um outro aspecto do meu trabalho é a preocupação com o ensino e as ferramentas disponíveis para se trabalhar esses temas e textos em sala de aula – porque eu acredito que ensino e pesquisa são duas áreas que estão fortemente ligadas; então, no âmbito do ensino, o meu interesse é tornar o trabalho dessas filósofas acessível por meio de traduções, construção de programas de curso e sensibilização de outros profissionais para a obra dessas autoras que são deixadas de lado. Como minha segunda área de pesquisa é em filosofia da lógica e ensino de lógica, também tenho planos de ampliar a compreensão sobre a contribuição das mulheres na lógica. Então é isso gente, obrigada pelo convite, novamente.

Renato Matoso: Muito obrigado, Nastassja. Logo em sequência eu queria passar a palavra para nossa colega Gisele Secco, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Por favor, Gisele, se apresente e nos explique como você vivencia essas questões no seu trabalho e na sua vida. Obrigado pela presença.

Gisele Secco: Obrigada, Renato. Obrigada, Gabriele, pela organização desse bate-papo sobre o tema inultrapassável que é o tema do feminismo e a sua relação com os estudos de gênero e das assim chamadas questões de gênero. Eu vou tentar responder brevemente a pergunta sobre

como nosso trabalho e nossa pesquisa se relacionam ao tema desse bate-papo dizendo primeiro que, originalmente, e a rigor, minha área de pesquisa não tem nada a ver com assuntos relacionados a feminismo e a gênero, pois eu pesquiso temas de filosofia das ciências formais – da lógica, da computação e da matemática. Acontece que, como esse tema (e Nastassja já sublinhou isso) não tem mais como ser ignorado – ultimamente a sociedade brasileira está mais atenta às diversas questões relacionadas a ele, então, evidentemente, elas acabam inevitavelmente reverberando na Academia. Temos, então, de abordá-las seja na nossa vivência cotidiana (como as outras colegas já falaram), seja como objeto de pesquisa. Eu felizmente tenho uma história de pouquíssimos problemas relacionados ao fato de ser mulher na Academia – creio ser, por isso, um caso raro – mas, aliada à parte da minha pesquisa que tem a ver com lógica e filosofia das ciências formais, parte muito significativa do meu trabalho desde que ingressei na UFRGS em 2013 é a formação de professores. E é por aí que a coisa, de fato, entrou forte em minha vida acadêmica, meu trabalho. Fui, durante um período de dois anos, coordenadora de um projeto PIBID Interdisciplinar (o PIBID Interdisciplinar UFRGS Campus do Vale), com alunos de seis licenciaturas distintas, e também atuei como coordenadora colaboradora do PIBID Filosofia, na mesma instituição. Então, nesse trabalho de formação de professores, no contato com as meninas e os meninos nas escolas, através do contato destes com os licenciandos, foi surgindo uma série de oportunidades de estudar, abordar e tentar entender melhor como é que as questões de gênero são vivenciadas na escola e podem ser estudadas na Academia. Aí, inevitavelmente, na área de Filosofia das Ciências Formais, a gente tem começado a prestar um pouco mais de atenção em como a desigualdade de gênero aparece, e tem tentado lidar com essas questões. Mais ultimamente, duas coisas importantes aconteceram no campo da filosofia, coisas que eu gostaria de, já neste momento, marcar: no ano de 2016, durante o último encontro da ANPOF, a professora Carolina Araújo, da UFRJ, apresentou o resultado de uma pesquisa sobre a quantidade de filósofas no Brasil e, em decorrência disso, começou-se a falar mais sobre o assunto dentro da comunidade filosófica nacional, de uma maneira mais explícita. Além disso, no mesmo encontro foi criado o GT de Filosofia e Gênero. Na onda dessa importância que começou a ser reconhecida, organizamos na UFRGS em 2017 um evento chamado “Vozes Femininas na Filosofia” – no qual a Nastassja quase participou, já contribuindo um pouco com essa pesquisa dela sobre a expansão do Cânone, e pensando em como inserir na história que se conta da filosofia (a história canônica) o que chamamos de vozes femininas. Então, acho que o meu trabalho tem conseguido, de alguma maneira, vincular as duas coisas: as preocupações com o ensino – diante das quais as questões de gênero de fato apareceram de

maneira mais forte – com esses outros projetos agora de ensino, pesquisa e extensão, tentando vincular questões de ensino de lógica e ensino de feminismo. Se eu tiver oportunidade mais para frente, vou querer falar um pouco mais desse projeto especificamente, pois acho que ele é bastante promissor e pode contribuir de maneira significativa para nossa conversa, e ainda outras. Então, de novo, obrigada e vamos lá!

Renato Matoso: Obrigado, Gisele. Certamente a gente quer ouvir sobre o seu projeto. Eu queria passar diretamente, então, a palavra para o nosso colega Fabio Oliveira, da Universidade Federal Fluminense (UFF), aqui do Rio. Fabio, você que realmente tem uma pesquisa nessa área, por favor, nos explique as suas relações pessoais, institucionais e teóricas com o assunto. Muito obrigado pela presença.

Fabio Oliveira: Bom, antes de mais nada, obrigado pela oportunidade de poder compor esse encontro com pessoas por quem possuo grande admiração – penso que seja uma grata oportunidade estar aqui com vocês hoje. Bom, eu sou professor de filosofia da educação da UFF e, a partir dessa área, tenho começado a refletir mais especialmente de que maneira gênero e feminismo podem se inserir dentro da discussão filosófica. É curioso pensar também que a minha chegada a esse tema se deu não a partir da filosofia da educação propriamente dita, mas através de outras problematizações, digamos assim, que me ocuparam durante minhas pesquisas de mestrado e doutorado. Sempre trabalhei com questões relativas à Bioética e Ética Aplicada e um dos temas com os quais dialoguei diretamente foram os relacionados ao meio-ambiente e questões animais; e foi curioso porque no decorrer dessa pesquisa de Ética Ambiental e Animal que me deparei com as formulações teóricas feministas, a partir da filosofia. Então, em um primeiro momento, eu tomei conhecimento da existência de uma vertente muito bem trabalhada e elaborada à qual se dá o nome de Ecofeminismo; e, ao me deparar com o Ecofeminismo, eu pude, através dessa perspectiva, perceber de forma explícita o ocultamento das mulheres que produziam e pensavam as questões ambientais e animais dentro a história canônica relativa à ética ambiental e animal. Então, fui pesquisando e tomei conhecimento que, por exemplo, as mulheres protagonizaram as primeiras batalhas contra a vivisseção na Europa – e que isso não aparecia de forma mais ou menos destacada nos textos de filosofia acerca das questões ambientais e animais. Então, a partir desse encontro com o ocultamento das mulheres nesse cenário, tomei para mim a tarefa de pensar essa marcação em todas as minhas frentes de pesquisa, ensino e extensão. Desde então, eu tenho pensado de que maneira as relações de gênero atravessam a filosofia – mas, especificamente, dentro da Bioética e da Ética aplicada. Então, tenho promovido alguns

cursos de extensão que trabalham nessa direção – de tirar o véu da ignorância que encobriu (1) nossa percepção; (2) e a própria participação das mulheres nesse cenário. A partir desse universo de questões epistemológicas, questões relativas também ao ocultamento de perspectivas cisheterodiscordantes passaram a me chamar atenção. Afinal, de quais mulheres estávamos falando? Neste momento, os estudos decoloniais já passaram a integrar minhas pesquisas. Todo esse processo, evidentemente, não poderia ter se desenvolvido de forma solitária. Tudo isso se deu em função do encontro com professoras e pesquisadoras que propunham espaços para a construção de um pensamento ainda pouco explorado na filosofia. Foi com elas que tive a oportunidade de participar da recente construção do Grupo de Trabalho Filosofia e Gênero da ANPOF, ao lado das professoras da UFRJ: Susana de Castro, Carla Rodrigues, Priscila Carvalho entre tantas outras colegas. Como já foi dito, este GT nasce somando força à pesquisa elaborada pela professora Carolina de Araújo, da UFRJ. Desde então eu tenho participado de uma série de investidas filosóficas ao lado de filósofas. Destaco aqui alguns dos espaços por onde tenho transitado para pensar essas questões: Antígona: Laboratório de Filosofia e Gênero; Núcleo de Ética Aplicada (NEA); o Degenera – que é um grupo interdisciplinar da UERJ. Enfim, tenho tentado pensar, a partir da filosofia da educação e bioética questões relativas ao gênero e aos feminismos (no plural mesmo) que vão sendo elaborados para pensar inúmeros temas. É isso.

Renato Matoso: Muito obrigado, Fabio. Eu queria aproveitar a oportunidade e pedir para o próprio Fabio explicar para a gente o conteúdo, o uso (ou a história) de uma expressão que tem sido empregada recentemente e que muita gente utiliza sem muita noção da sua verdadeira origem ou do seu verdadeiro conteúdo, refiro-me à expressão "ideologia de gênero". Você poderia explicar para a gente se você acha essa uma expressão válida, de que lugar que ela vem, de que modo ela se contrapõe ao termo – que me parece ser empregado de maneira mais técnica – "estudos de gênero". Seria muito importante que você nos esclarecesse isso.

Fabio Oliveira: Bom, é uma tarefa árdua pensar de que maneira esse termo, essa terminologia, "ideologia de gênero", vem se desenhando mundialmente – em especial, no Brasil – nos últimos tempos. É, sobretudo, uma terminologia que vem ganhando espaço no público em geral. E considerando as redes sociais hoje em dia, me parece que precisamos de uma elucidação urgente. É muito importante pensar sobre isso, sobretudo se a gente for considerar os últimos acontecimentos que envolveram a filósofa Judith Butler na sua passagem pelo Brasil – em que esse termo foi exaustivamente usado. Bom, eu diria que os

estudos de gênero, eles são, antes de mais nada, um conjunto de trabalhos de diferentes áreas (ou seja, de caráter interdisciplinar) que visa, num primeiro momento, pensar a relação histórica (como já foi dito aqui) entre os sujeitos socialmente lidos como mulheres e homens. Mas ele vai além; se a gente pensar no artigo escrito pela pensadora Joan Scott, em 1986, "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", nesse texto, Scott conclui que o gênero ajuda a elucidar a percepção sobre as diferenças sexuais – hierarquizando essa diferença dentro de uma maneira de pensamento engessado, dual e oposicional. É interessante pensar que, mesmo a Scott, quando trabalha nesse texto, não nega as diferenças entre os corpos sexuados; o que interessa a ela são as formas como se constroem os significados culturais para essas diferenças e sobre esses corpos – que é algo que a Judith Butler vai resgatar no seu livro, digamos, mais famoso – Problemas de gênero –, já na década de 90. Nesta obra, Butler historiciza não só o corpo sexuado, mas o próprio sexo em si; e, feito isso, Butler evidencia a existência de uma ordem compulsória – e penso que essa seja a questão que vem, digamos, aterrorizando alguns grupos atualmente. A ordem compulsória, segundo a própria Butler, exige uma coerência total entre o sexo, o gênero e o desejo que desembocaria na prática dessa equação – que é normalmente uma prática héterocentrada. Então, essas ideias vão estremecendo algumas crenças, alguns valores – e eu digo aqui, valores patriarcais, conservadores, tradicionais de alguns grupos de pessoas. E essas pessoas que são apegadas a uma única narrativa possível sobre as coisas e sobre, especialmente, os corpos sexuados, acionam formas de “criticar”, invocando o conceito de ideologia. Aqui é interessante a gente pensar sobre o conceito de ideologia e a quem ele serve neste debate. Ao invocar a ideologia como categoria-denúncia o que essas pessoas pretendem é afirmar que não existe uma ideologia preponderante na manutenção das normas do status quo. Ou seja, ideologia estaria apenas para o outro que contradiz as normas e nunca para aqueles que as mantêm. Então, eu entendo que essa expressão ("estudos de gênero"), ela é primeiramente um pavor diante da perda dos privilégios de controle do corpo e da subjetividade alheia. A fluidez apavora as pessoas que precisam estar muito certas do que são, geralmente fruto de um destino biológico inquestionável. Ou seja, um horizonte sem muitas opções, sem muitas chances – e, claro, a expressão "ideologia de gênero", ela é, além de tudo, uma manipulação da linguagem com o intuito de garantir a perpetuação do controle biopolítico sobre as mulheres; sejam elas mulheres cisgêneras ou transgêneras, lésbicas, bissexuais, heterossexuais. Enfim, é uma das armas para gerar o que costumamos chamar de pânico social.

Renato Matoso: Muito obrigado pela resposta extremamente completa e que demonstra realmente um grande conhecimento no assunto. Alguém mais queria complementar de algum modo? Acho que a Nastassja quer a palavra. Por favor, Nastassja.

Nastassja Pugliese: Eu só queria reforçar esse âmbito discursivo dos debates políticos e como a construção de certas expressões e de certos conceitos contribui para a fabricação de incompreensões coletivas. Então, cunhar uma expressão como essa, "ideologia de gênero", contribui para mascarar o lugar e a importância de um campo, um campo, como o Fábio bem disse, interdisciplinar, que conjuga pesquisas da biologia, da geografia, da história, das ciências sociais e da filosofia. Os estudos de gênero são um campo de investigação; os trabalhos neste campo são realizados por pesquisadores sérios que se dedicam à compreensão de certas questões de um modo detalhado, de um modo técnico. Expressões como "ideologia de gênero" mascaram estes esforços de compreensão e de produção de conhecimento, pois elas acabam sendo absorvidas mais facilmente pelo grande público, sabe-se lá por conta de quais mecanismos históricos e sociais. Eu acho que é importante a gente tomar cuidado, quando for falar de gênero e de feminismo, para não acabar caindo nessa armadilha que pode nos fazer tomar o falso pelo verdadeiro ou o injusto pelo justo. Por causa disso, considero muito importante o trabalho e o lugar da filosofia nesse âmbito das discussões públicas; isso é Filosofia Pública o que a gente está fazendo aqui. É interessante isso porque o que as pessoas que usam a expressão "ideologia de gênero" tentam fazer também é, num certo sentido, um engajamento com questões filosóficas. O aparente paradoxo que daí surge é que como expressões desse tipo se originam em visões parciais, muitas vezes preconceituosas, e como elas reproduzem incompreensões e são usadas de modo irrefletido, o debate acaba por levar a uma anti-filosofia e a um estímulo ao anti-intelectualismo. Por isso, mais uma vez, o exercício público da filosofia é tão importante. Então, obrigada Fábio, pela boa introdução a essa distinção entre "ideologia de gênero" e "estudos de gênero" – que eu acho uma distinção fundamental para enriquecer o debate público em nossa cultura que é tão movida por essa questão.

Renato Matoso: Obrigado, Nastassja. Alguém mais queria complementar? Por favor, Gisele.

Gisele Secco: Obrigada. Rapidamente: pensando que talvez a gente esteja falando diante de um público que não é estritamente acadêmico, talvez seja bom observar que o que a filosofia pode fazer com relação a essa discussão é justamente analisar, ou escrutinar, o conceito de ideologia; quer dizer, se a gente pensar no caso da escola – de como, nas escolas, o conceito está aparecendo; que uma das (primeiras) funções da filosofia é justamente colocar em

discussão e refletir sobre como usamos conceitos fundamentais, então possibilitar que os jovens reflitam sobre o que a palavra "ideologia" quer dizer nessa expressão "ideologia de gênero", é tarefa nossa. A expressão está na boca do povo, e sendo usada de uma maneira extremamente pejorativa – em praticamente qualquer conversa que a gente escuta por aí sobre essas coisas a palavra aparece como marca de algo nocivo, de algo que precisa ser combatido como se combate uma praga. E temos o caso do repúdio à fala de Judith Butler em São Paulo como um exemplo primoroso desta confusão conceitual a ser desfeita pela filosofia.

Renato Matoso: Ótimo, Gisele. Muito obrigado. Eu acho que a Cecília também gostaria de falar. Por favor, Cecília.

Maria Cecília Coelho: Obrigada. Acho muito interessante que tanto o Fabio quanto a Gisele e também a Nastassja tenham chamado atenção para o problema da linguagem, do discurso e de seu poder de criar ou pelo menos de ressignificar a realidade. E aqui, ao comentar esse aspecto do poder da linguagem (sendo bem gorgiana), já passo para a próxima questão sobre a apresentação da filosofia para um público leigo. Creio que tanto um público mais leigo — que não estuda especificamente filosofia ou áreas que trabalhem mais tecnicamente com certos conceitos e vocabulário técnicos – como os iniciantes no estudo da área (alunos do ensino médio, antecipando, aqui, a outra questão que nos foi proposta também, sobre o ensino da filosofia nas escolas) podem usufruir muito do estudo de conceitos — como o de "ideologia" — e de sua conexão com estudos sobre linguagem, retórica e argumentação. E eu vou me permitir trazer um exemplo, aqui, que eu sempre usava nas disciplinas de primeiro semestre — às vezes até em outros níveis também; mas, no primeiro semestre, em curso de Lógica ou de Introdução à Filosofia, eu sempre levava esse caso muito paradigmático sobre o assunto. Vou retomar o exemplo transcrevendo o trecho de um texto que foi publicado com o título "A Definição de Mulher" (Diário Catarinense, 24/05/2008, Caderno Cultura), alusivo à encenação de Gota D'Água, de Chico Buarque e Paulo Pontes, na cidade de Florianópolis). Permito-me a longa citação a partir desse texto:

Há alguns anos, preparando uma aula de lógica aristotélica sobre o problema da definição e das categorias do ser, busquei alguns exemplos de palavras corriqueiras, com referência a objetos e seres bem conhecidos. Escolhi como fonte um dos dicionários mais utilizados nas escolas e bibliotecas brasileiras — o Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, da Companhia Editora Nacional, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, edição de 1972 (a primeira edição fora publicada em 1938, e Aurélio passou a contribuir com ele a partir da terceira edição, em 1941). Dentre as definições, ao me deparar com as de homem e de

mulher, espantei-me com o que li — como já dizia Aristóteles, a filosofia nasce do espanto, e muitas vezes ao observarmos as coisas mais óbvias. Transcrevo, a seguir, os dois verbetes relativos aos termos “homem” e “mulher”, encontrados nas páginas 644 e 830, respectivamente.

“Homem, s.m. Animal racional, bípede e mamífero, que ocupa o primeiro lugar na escala zoológica; ser humano; a humanidade; pessoa adulta do sexo masculino; (fam.) marido ou amante; soldado, operário; indivíduo corajoso; (fem.: mulher; aum.: homenzarão; dimin.: homenzinho, homúnculo); – de Estado: estadista; – de letras: literato, intelectual; – de prol: homem nobre, escritor, artista, etc.; – marginal (sociol.): indivíduo que vive em duas culturas em conflito, ou que, tendo-se desprendido de uma cultura, não se integrou completamente em outra, ficando à margem das duas culturas; pron. (ant.) alguém: jamais homem viu tal coisa.”

“Mulher: s. f. pessoa do sexo feminino, depois da puberdade; esposa (aum.: mulherão, mulheraça, mulherona); – à-toa (Bras.)(pop.); – da comédia (Bras. São Paulo)(pop.); – da rótula (Bras. Rio de Janeiro) (pop.); – da rua ou – da vida (Bras.); – de má nota, – de ponta de rua (Bras., norte); – do fado, – do fandango (Bras., São Paulo); – do mundo (Bras.)(pop.); – do pala aberto (Bras., São Paulo)(pop.); – errada; – perdida, – pública; – vadia (bras.); (v. Meretriz).” Na edição ampliada e reformulada, esse dicionário seria publicado pela Editora Nova Fronteira, em 1975, com o nome de Novo Dicionário da Língua Portuguesa, mais conhecido, doravante, simplesmente como Aurélio. Nela, foram acrescentados mais alguns termos ao verbete mulher: “– da estrada, – de César; – do piolho; – fatal”. Como o leitor pode ver, se, como diz Heidegger, a palavra é a casa do ser, as mulheres parecem estar muito mal acomodadas.

Bem, como se vê, considerando que a filosofia lida com termos (técnicos) e conceitos a eles ligados, e se preocupa com clareza e precisão, bem como com argumentação correta, a atenção às palavras é muito importante. Partir de algo tão prosaico não é expediente estranho aos filósofos. Aqui, temos um exercício muito simples (aparentemente), mas muito iluminador e pertinente ao tema em debate. Nas minhas aulas, eu sempre pedia para que um dos alunos lesse o verbete "mulher" e uma das alunas lesse o verbete "homem" do nosso "Aurélio" — o resultado sempre motivou longas discussões, mas principalmente alertou para problemas como o de ideologia, neutralidade epistemológica, preconceitos de gênero.

Renato Matoso: Perfeito, Cecília. Já que a gente já introduziu o tema da nossa próxima questão, que é: "De que modo esse conjunto de questões ligadas ao feminismo devem ser tratadas no ensino médio?", gostaria de pedir a opinião de vocês sobre esse tema. Eu acho que a Gisele, que trabalha com isso e também já demonstrou interesse em tratar do assunto, pudesse complementar um pouco o que ela já disse na resposta anterior.

Gisele Secco: Sim, Renato, obrigada. A razão principal pela qual eu aceitei participar dessa conversa com vocês é muito menos, como já disse, por ser estudiosa do assunto. É muito mais a seguinte: eu queria contar a vocês e a quem nos assista sobre um projeto que, embora tenha efetivamente começado aqui em Porto Alegre, numa escola pública, e relacionado ao PIBID de Filosofia de minha instituição, a UFRGS, é interessante como isso tinha a ver com uma colaboração prévia entre a Nastassja e eu (e também nosso colega Frank Sautter, da UFSM), que há alguns anos temos pensado questões sobre ensino de lógica e filosofia de maneira interdisciplinar no ensino médio. Então, vou responder a pergunta assim: eu não sei como deve ser o trabalho no ensino médio. Entretanto, acredito que pode ser trabalhado de maneira muito rica a partir desse exemplo sobre o qual lhes falarei, que eu tomaria como modelo essa experiência. É o seguinte. Durante o processo de ocupação das escolas pelos secundaristas ao longo do ano de 2016, algumas alunas do PIBID Filosofia (vale notar que eu já não estava na coordenação desse projeto há dois anos), duas alunas, Rafaela Nunes e a Márcia Laux, estavam realizando duas atividades como bolsistas do PIBID na Escola Estadual Padre Reus, em Porto Alegre, e acabaram se envolvendo com o processo de ocupação. Nesta escola, as meninas estavam assim em polvorosa, e empoderadas – elas iniciaram todo um processo de denúncias de casos de assédio, e inclusive coisas mais graves, e de conversas e atitudes as mais variadas e positivas para a maioria. As bolsistas do PIBID viram nessa ocasião a oportunidade de propor a criação de um grupo de estudos sobre feminismo na escola, com as meninas interessadas. Organizaram e fizeram. Começaram a fazer um grupo de leituras de história e filosofia, liam um pouco acerca da história do feminismo, desde seus inícios até hoje e, depois de um ou dois encontros, perceberam que as meninas tinham alguma sorte de dificuldade na argumentação – porque elas tinham que defender suas intuições feministas, elas de algum modo sabiam que tinham que ser feministas, dada sua realidade, mas não estavam tendo muita consciência dos processos argumentativos que elas precisavam compreender e desenvolver para conseguir lutar pelos seus direitos. Foi aí que surgiu a ideia de oportunizar uma ou duas aulas de lógica e argumentação para as gurias; a coisa foi se conjugando dessa maneira: feminismo sendo estudado do ponto de vista histórico, filosófico

e, por este último aspecto, lógico e argumentativo. No fim, a experiência se concretizou em oito ou nove encontros nos quais as meninas da escola foram introduzidas ao universo da lógica e da argumentação com conteúdos que vinham das suas experiências – de necessidade de desenvolver os seus "potenciais feministas". Elas leram excertos de textos de Olympe de Gouges, Mary Wollstonecraft, Millicent Fawcett, Emmeline Pankhurst, Nísia Floresta, Josefina Álvares de Azevedo, Leolinda Daltro, Celina Guimarães Viana, Gilka Machado e Bertha Lutz! E após a experiência ter finalizado é que fiquei sabendo desse projeto – embora eu já tivesse essa ideia de “empoderamento lógico das meninas” há algum tempo, algo inspirada no projeto “Meninas na ciência” aqui da UFRGS. Então, saber disso foi algo meio mágico para mim, ver que aconteceu independentemente do meu desejo de algum dia fazer algo desse tipo (isso se chama serendipidade, não é?); e o resultado disso para aquelas meninas, naquela escola, foi algo muito poderoso – pelo que é descrito pela Márcia e pela Rafaela, num trabalho que elas submeteram ao Encontro Internacional de Didática da Lógica no México, e que em breve será publicado, com o título “The role of Logic in the genesis of a feminist study group – Philosophy and Logic as tools to fight against oppression”. As meninas puderam, ao fim do processo, entender melhor o que estava acontecendo com elas individualmente, com elas enquanto coletivo feminista da escola e puderam ter resultados pessoais nas suas vidas – do tipo, uma delas disse que conseguiu convencer o seu padrasto a lavar louça, porque isso era uma coisa muito difícil de acontecer antes do grupo, nunca acontecia. Mas depois que ela conseguiu explicar algumas coisas para ele, então agora isso tinha acontecido (eu lembro sempre dessa história, que pode parecer bobagem para alguns, mas nós sabemos que não é). Mas é claro que também dentro da escola elas se tornaram algumas mais ativas e puderam enfim, de fato, sair empoderadas dessa experiência. Então, voltando à pergunta “como é que a filosofia pode contribuir, no ambiente escolar, para discutir questões de gênero e feminismo?”; eu diria que me parece que essa experiência, que eu rapidamente descrevi para vocês, tem elementos que podem favorecer novas práticas didáticas e novas reflexões sobre didática da lógica e da filosofia – e esses elementos tem a ver com o aspecto sobre o qual tanto o Fabio quanto a Nastassja e a própria Maria Cecilia já falaram que é a interdisciplinaridade; não tem como falar de gênero e feminismo sem articular a biologia, a história, a sociologia, a geografia e mesmo as outras ciências (porque a gente pode falar de história e filosofia das ciências e colocar aí todas as disciplinas escolares nessa roda). E aí a filosofia tem um papel importante – que eu não diria preponderante, mas eu diria importante e especial – que é o de fornecer certas ferramentas de articulação entre esses saberes todos. Bom, nossa lida é uma lida com conceitos, com problemas conceituais, como a

Cecília também há pouco abordou, trazendo as palavras “em estado de dicionário” para nos fazer refletir sobre o conceito de mulher. Acredito, portanto, que na escola, a filosofia pode (por ser uma disciplina que por natureza é interdisciplinar, ao lidar com conceitos que atravessam as demais disciplinas) favorecer uma articulação entre as outras áreas de saber e fazer pensar o fenômeno, ou os fenômenos, relacionados a gênero e feminismo de uma maneira que, bom talvez jamais sonhada por quem habita o ambiente escolar. Então, eu realmente acho que, a despeito de várias críticas feministas à lógica tradicional (que têm uma série de problemas que não convém agora abordar), a lógica pode ser como algo que, como uma disciplina pensada desde dentro da filosofia, pode favorecer essas articulações interdisciplinares e fazer pensar nas questões de gênero e feminismo de uma maneira bastante rica e bastante produtiva. Eu gostaria de fazer esse relato para vocês e deixar esse exemplo como algo que poderia inspirar e ser replicado em outros lugares para que a gente pudesse continuar essa empreitada, ou essas empreitadas interdisciplinares, de uma maneira frutífera para todo mundo.

Renato Matoso: Obrigado, Gisele. Eu acho que o Fabio tem também algo a nos dizer com relação a esse tema. Por favor, Fabio.

Fabio Oliveira: Bom, eu vou ser bem breve. Eu acho que o mapeamento feito pela Maria Cecília e pela Gisele dá conta, sim, da questão de como a filosofia poderia, então, contribuir para esse cenário. Todavia, acho que, antes de tudo, é preciso dizer que a filosofia não pode se esquivar de pensar os feminismos e as questões de gênero dentro e fora de sala de aula – e no ensino médio, em especial. Afinal de contas, a filosofia e, mais especialmente, os conceitos – e, nós, da filosofia, sabemos muito bem disso – formam um campo valiosíssimo e, por isso, se torna um campo em disputa. Então, por exemplo, ao se definir o significado da família – que hoje em dia está em voga; as pessoas estão disputando o conceito de família –, nós incluímos ou excluimos um agrupamento de pessoas e seres, de afetos compartilhados. Ou seja, no meu entendimento, a filosofia pode e, de certa forma, deve (por razões éticas), anunciar que os feminismos e as questões de gênero são modos de refletir um campo de relações conceituais que têm impacto concreto na vida cotidiana das pessoas. Então, no ensino médio, isso me parece fundamental para pensar o próprio espaço escolar, a sala de aula – onde as diferenças sexuais e de gênero atravessam as relações que são estabelecidas entre estudantes e também entre estudantes, e professores, e pessoas que trabalham na organização daquele espaço. Então, à medida que a filosofia passa a anunciar, isso deixa de ser um *modus operandi* naturalizado naquele contexto e se torna objeto de investigação. Então, eu penso

que a filosofia, quando traz isso para si e abraça as questões de gênero e os feminismos, ela faz nascer a reflexão de que nossos corpos são territórios em disputa, também, a partir da linguagem; a partir dos conceitos que são forjados sobre quem somos e sobre quem podemos ser. E, claro, historicamente, o corpo das mulheres, das pessoas LGBTQIAs, das pessoas negras, foram (e sofrem) mais especial e concretamente. E esse sofrimento me parece que pode e deve ser evitado.

Renato Matoso: Muito obrigado, Fabio, pelo esclarecimento. Eu queria, então, passar a palavra para a Nastassja e já introduzir a questão seguinte, pois eu acho que talvez ela possa tratar de maneira coesa as duas questões. A próxima questão que a gente pensou em tratar diz respeito à maneira como as mulheres se inserem na história da filosofia, na história das ciências e nas demais artes e aspectos diversos da nossa cultura. De algum modo, isso está ligado à maneira como elas são representadas no ensino (seja no ensino médio, seja na universidade ou qualquer âmbito do campo educacional). Então, eu queria pedir, por favor, a opinião da Nastassja já relacionando as duas questões.

Nastassja Pugliese: A questão do ensino, ou melhor, de como os problemas levantados pelo feminismo têm potencial de esclarecer certas relações que ocorrem dentro e fora da sala de aula, é fundamental. Para dar um exemplo de caso que ilustra o caráter interdisciplinar do feminismo e para mostrar como é importante ensiná-lo junto a instrumentos filosóficos mais técnicos, mais áridos, como a lógica, eu queria retomar um pouco esse projeto que eu tenho com a Gisele (e que ela mencionou antes). Parte do projeto é procurar compreender qual o papel da lógica e da teoria da argumentação na formação das mulheres, das meninas, e na compreensão que elas têm de si mesmas – ou seja, investigar em que medida uma certa visão atribuída à racionalidade das meninas e das mulheres ao longo da história vem do estabelecimento de um critério de troca argumentativa e de uma certa noção de racionalidade que é adquirida, necessariamente, através da escolarização (um processo do qual as mulheres só começaram a participar muito tardiamente na história), e se isso for o caso, analisar como nós podemos começar a reconstruir esse lugar através de um ensino voltado para o uso eficaz de estratégias e instrumentos da teoria da argumentação. E aí, gostaria de conectar também, dando agora um exemplo prático, com a maravilhosa colocação da Cecilia que leu aqui para a gente verbetes importantes. Estes verbetes são importantes na teoria da argumentação porque são muito fundamentais na construção de nossa visão de interlocutor. Quando a gente aprende a falar – as nossas primeiras palavras "têm gênero", e muitas vezes são "femininas", pois em geral começamos a falar falando “mãe” e “pai”, ou seja, manipulando os arquétipos

do “homem” e da “mulher” – a gente começa a engatinhar na linguagem com esses dois conceitos, com esses dois termos (que não necessariamente nos vêm como conceito), e depois a gente desvincula estas palavras da referência aos nossos pais e mães particulares e aprendemos o conceito de “homem”, o conceito de “mulher”. O dicionário expressa bem como a nossa sociedade faz uso desses termos da linguagem, convencionando esses significados. Então, essa “definição de dicionário”, ela é, na verdade, mais que uma definição de dicionário – ela mostra um certo conjunto de questões sociais e lugares sociais dados ao homem e a mulher, um conjunto de convenções que expressam, no contexto da teoria da argumentação, os pressupostos que temos em relação ao nosso interlocutor – esses pressupostos (com quem é que você fala e de onde parte aquele discurso que está sendo proferido) têm uma certa relevância (menos na lógica formal, mais na teoria da lógica da argumentação) para o contexto argumentativo. Dado que o lugar do interlocutor, o papel do interlocutor é fundamental e tendo em vista o lugar em que a sociedade coloca a mulher, ou seja, dada a convenção sobre o significado de “mulher”, expresso aqui no nosso caso, pelo verbete do dicionário, temos que a experiência de mulheres na Academia, nas Ciências e, principalmente, fora do contexto acadêmico, acaba sendo um lugar de “racionalidade menor”. Então, eu gostaria de trazer para a nossa conversa a minha recém-falecida professora Victoria Davion, que tem um artigo (“Anthropocentrism, Artificial Intelligence, and Moral Network Theory: An Ecofeminist perspective”) onde ela questiona justamente a noção de racionalidade que fundamenta, que direciona, a inteligência artificial e que contribui para a ocultação (como disse o Fabio) e a minimização do lugar de fala da mulher. É bem por aí a contribuição da Davion, ela busca entender que conceito de racionalidade e o que ele exclui. Então, eu acho importante trazer essas questões do feminismo para dentro da teoria da argumentação justamente porque ela nos permite que a gente investigue a natureza da razão e os seus usos, investigue questões relativas a lugar de fala (pressupostos) e, a partir daí, a vincular uma questão teórica com as experiências pessoais das mulheres na Academia e na sociedade. Porque é muito fácil, se você começa a ouvir as histórias (como começou a Cecilia na introdução do nosso tema) de mulheres, ver casos de mulheres que se sentem constrangidas de fazer pergunta em colóquios, que se sentem constrangidas de emitir sua opinião (tirando de jogo, é claro, para fins de argumento, todos os outros motivos que contribuem para o constrangimento) e que acabam por abandonar a profissão por não terem sido aceitas na Academia. Sabemos que a dificuldade de dizer “eu não concordo” ou “você está errado” para uma mulher é muito maior que para o homem, que já nasceu sendo treinado para se impor, já a mulher foi educada para ser delicada e para concordar e para aceitar. A gente precisa

reconstruir esses lugares de fala, dar um novo lugar de fala para a mulher – ainda que isso inclua a concepção de uma racionalidade emocionada, de uma racionalidade desejosa. E aí, então, passando para a segunda questão, que é o lugar historicamente dado às mulheres, na filosofia, nas ciências e nas artes é, de novo, como a Cecilia falou; as mulheres são representadas, na maioria das vezes, como corpos dóceis ou corpos a serviço de uma outra coisa que não a sua própria autonomia, que não a sua própria prescrição, que não a sua própria garantia de espaços ou de direitos. Então, eu acho que é fundamental que a gente olhe para a história tentando justamente resgatar essas vozes que foram silenciadas. Na minha pesquisa na história da filosofia no século XVII, a proposta é justamente tentar simplesmente ler, estudar os trabalhos das mulheres que escreveram no XVII – porque as obras delas estão aí, a gente não está inventando estas vozes, estes trabalhos já foram criados; há tratados, panfletos, conjuntos de cartas, e essas obras são fundamentais porque contribuíram para direcionamentos importantes na história da filosofia. O problema é que ninguém estuda essas obras, ninguém lê (por exemplo, a correspondência a Elisabeth de Bohemia e Descartes). Essas obras são fundamentais de serem trazidas para a sala de aula, trazidas para o debate acadêmico, para que a gente compreenda melhor também o processo de escolarização das mulheres – um processo que é muito recente, pois a mulher só começou a ser aceita na universidade no meio do século XVII; então, a gente tem aí uma história de 17 séculos (praticamente) de exclusão das mulheres da discussão acadêmica, pois elas não eram permitidas a produzir sobre outra coisa senão seus anseios pessoais ou temas religiosos. Isso fez com que muitas das obras produzidas sobre outras coisas fossem categorizadas como obras anônimas – então, assim, tem uma formulinha (que é mais provocativa do que realmente verdadeira) que é: quando você vê um escrito anônimo, é muito provável que (pela maior parte da história) esse “escritor anônimo” tenha sido, na verdade, uma mulher; e essa “fórmula” é engraçada, é provocativa, porque a gente tende a assumir que o autor anônimo (como o comentário anônimo do “Teeteto”, por exemplo) foi escrito por um homem, mas na verdade a gente não sabe qual é o gênero desse autor. A gente não sabe, mas assume que deve ter sido um homem. Isso não quer dizer que homens não tenham sido ocultados por conta de suas posições políticas nesses textos e por isso não tenham assinado e colocaram que o texto era anônimo – mas é interessante, porque em sua maioria, quem era proibido de produzir e publicar obras que não fossem pessoais e religiosas eram as mulheres. Então é muito provável que entre os anônimos, uma grande parte seja de autoria feminina. Só quero terminar dando um exemplo: a Damaris Cudworth, filha do Ralph Cudworth (Platonista de Cambridge), ela foi muito amiga durante a vida inteira (desde os 23 anos) do John Locke e

eles têm um conjunto de cartas muito importante em que discutiam questões técnicas filosóficas; e ela escreveu dois tratados – sozinha – que, depois, foram publicados como se fossem do John Locke – então, eu acho que sobre esses tipos de história, o resgate não só das obras, como dos contextos sociais onde essas obras foram produzidas, são muito importantes de serem resgatados; até para a gente conseguir entender o lugar de onde a gente está falando e poder falar melhor.

Renato Matoso: Muito obrigado, Nastassja. Eu acho que a professora Cecilia também tem alguma contribuição a nos oferecer. Por favor, Cecilia.

Maria Cecilia Coelho: Gostaria de retomar as observações da Nastassja e do Fabio, muito pertinentes, sobre a questão da história da filosofia — de uma releitura ou reconstrução da história. Se pensarmos na história da lógica, é comum vir à tona a relação (muito problemática) entre razão e emoção (lembramos a piada, tão reveladora, que citei anteriormente, sobre "pessoas apaixonadas"), e a associação, de maneira categórica, dos dois termos ao homem e à mulher, respectivamente. Embora em muitos textos seja comum trazer esse binômio, desde a Antiguidade, demarcando drasticamente as duas esferas, tal demarcação é muitas vezes inadequada. A construção de figuras masculinas e femininas na literatura grega é, por si só, um bom exemplo desse quadro muito mais complexo. Tomemos a *Ilíada* ou a *Odisseia*: embora heroicas, por sua força e inteligência, personagens como Aquiles ou Ulisses não são isentos de emoções profundas e de demonstração explícita de tais emoções, quando choram e lamentam suas perdas e revezes. Por outro lado, a inteligência das mulheres como Penélope, Helena, Medeia, tanto na épica como na tragédia, é evidente. Mesmo em filósofos como Aristóteles, a demarcação deve ser modalizada — para uma introdução ao tema, aconselho sempre o texto de Gerard Lebrun, *O conceito de paixão*, no livro *Os Sentidos da Paixão*, editado por Adauto Novaes, pela Companhia das Letras. Assim, essa separação tão marcada que se faz muitas vezes é sempre fruto de leituras em que a emoção é vista como inferior à razão e as mulheres são mais emotivas e incapazes de raciocinar. Lutar contra isso é uma tarefa difícil, mas ela é importante e fundamental, a meu ver. Como eu disse, é no dia a dia, policiando o uso que fazemos das palavras, com certas atitudes básicas, como retomar textos e mostrar, neles, certos problemas que são fruto de seu tempo, que dependem interpretações que devem sempre ser contextualizadas. Voltando ao verbete do dicionário: se pensarmos que, na definição de “homem”, todas as características são positivas e que a única negativa é do marginal, e que esta vem com uma explicação sociológica, o problema de gênero pensado à luz desta exceção dali é gritante. Os textos (como a Nastassja disse) estão

aí; se a gente souber ler e tentar ver com outros olhos, já demos um primeiro passo importante, vencendo, em conjunto, as barreiras diárias. É um exercício de estar alerta para a linguagem e para a identificação das escolhas que os autores de textos fazem. Enfatizando e concluindo: essa luta (como a Nastassja disse) é cotidiana; não há uma receita para se fazer isso, mas deve haver uma observação constante da linguagem, e, nós, da filosofia — como temos, também, um treinamento nisso —, podemos contribuir de alguma maneira, se trabalharmos sistematicamente, em alerta, na leitura de textos, de imagens e da associação também de textos e imagens — neste caso em relação ao corpo e também à mente. Não é apenas o corpo da mulher que é um palco de disputa, mas a mente também. Aliás, a própria separação entre mente e corpo é outro ponto a ser investigado, em sua conexão com a associação com o masculino e o feminino, respectivamente.

Renato Matoso: Muito obrigado, Cecília. Eu acho que o Fabio também tem algo a contribuir em relação a isso. Por favor, Fabio.

Fabio Oliveira: Bom, acho que já fui bem contemplado pelas minhas duas colegas, que elaboraram uma resposta para essa questão sobre a inserção das mulheres – afinal, elas experienciam essa condição de mulher na filosofia; e eu acho que isso propõe uma epistemologia bastante particular e que a filosofia precisa saber lidar com isso. E me parece estar sendo uma situação ainda bastante conflituosa na filosofia, por exemplo quando começamos a pensar no lugar de fala enquanto um dispositivo conceitual importante para elaboração de pensamentos etc. Mas acho importante também sinalizar que – e isso já foi antecipado em certa medida pela Nastassja –, a ideia da inserção das mulheres na filosofia, na verdade, deveria ser substituída por um outro termo. Afinal, as mulheres sempre estiveram na filosofia; não se trata, então, de uma inserção da mulheres na filosofia, elas sempre estiveram lá, nas ciências, nas artes, mas elas foram negligenciadas por um poder, por um corpo, por um pensamento, que as realocou dentro de um universo onde aquilo que elas diziam, aquilo que elas tinham a dizer, a contribuir ou a formular, não era digerido por esse corpo da filosofia. Afinal, nós poderíamos inclusive perguntar, olhando para a história canônica da filosofia, se a filosofia tem gênero. Acho que essa é uma pergunta que talvez a gente possa trazer para nós, como uma questão para a gente refletir. E penso que é uma questão que surge a partir do momento em que a gente tem percebido essa dificuldade dos autores da filosofia, os autores mesmo – homens – e de demais áreas em lidar com o lugar de fala como uma marca epistemológica que denuncia esse processo. E, aqui, a gente pode citar algumas filósofas que já tem pensando isso atualmente – como, por exemplo, a Djamila Ribeiro, que tem trabalhado

o conceito de lugar de fala, a partir da experiência de uma mulher negra na filosofia etc. Então, há uma série de adições de exclusões que, diante do corpo e do pensamento da mulher, vão alocando esse corpo cada vez mais em um lugar de subalternidade – de um lugar que não participa, então, das elaborações racionais. Isso é bem interessante para a gente pensar quais tipos de barreiras a filosofia foi construindo para dificultar o trânsito das mulheres dentro desse espaço; e aí, eu acho que essa falsa dicotomia entre razão e emoção é uma expressão máxima dessa cisão. Quando começamos a pensar, por exemplo, na Ética do Cuidado, e como as pessoas costumam se referir a ela, como sendo uma ética das mulheres, pois incorporaria dentro do seu projeto a relação do cuidado, os deveres associados a esse cuidado etc., já percebemos a marca do que depois foi sendo desenhado como a oposição entre o particular e o universal. Nesse sentido, a ética particularista do cuidado seria uma ética das mulheres e em um só tempo uma deficiência de ética, pois não atingiria a universalidade pretendida. O que nos resta é a pergunta sobre como o projeto de universalidade da ética acabou por contemplar um padrão de sujeito sexuado.

Renato Matoso: Perfeito. Dado o avançar da hora, vou propor uma última questão, como rodada final de intervenções – e, na verdade, a questão já foi um pouco antecipada pelas últimas colocações. Trata-se da maneira como os estudos de gênero e o pensamento feminista podem contribuir numa reflexão acerca do problema do controle dos corpos, sobretudo do corpo da mulher. De que modo, portanto, esses estudos podem promover uma melhor relação social e uma sociedade de algum modo mais igualitária frente às mulheres ou pessoas dos diversos gêneros. Bom, acho que podemos começar pela Nastassja, por favor.

Nastassja Pugliese: Só pegar a palavra aqui um pouco rápido, já me despedir de todos e já agradecendo por esse encontro tão fértil, porque eu acho que reunir essas vozes aqui para falar de um tema tão difícil faz dele uma música mais bonita e mais potente para ser ouvida. Eu acho que, assim, é importante a gente lembrar que, na filosofia, a gente lida com hipóteses também – hipóteses de pensamento – e esse é um aspecto importante da investigação filosófica. Podemos ir bem longe tendo apenas uma hipótese e um esforço dedutivo, pois estamos sempre fazendo o seguinte movimento: “partindo de certos princípios, aonde a gente chega?”, “partindo de uma hipótese tal, aonde ela nos leva?”; e eu queria terminar respondendo essas duas perguntas feitas pelo Renato, mas colocando novamente uma provocação: Como seria se...? Queria propor esse exercício de pensamento. Recentemente eu assisti, (só um adendo), uma série baseada no livro da Margaret Atwood, "O Conto da Aia", e pensei feliz que essa distopia é o oposto do que fez a Margaret Cavendish no livro utópico

“The Blazing World”. Ambos os livros são ficções a respeito de como seria se o lugar das mulheres na sociedade fosse levado a um extremo e nos ajudam a imaginar, a pensar como seria o mundo se as mulheres tivessem total autonomia (total liberdade, liberdade radical) para ser quem são; liberdade radical para assumir seus desejos, seus pontos de vista, para ter seus direitos garantidos... Então, eu acho que assim: como seria se fôssemos respeitadas, nossas decisões autônomas sobre o que fazer com nossos próprios corpos, o que fazer com a nossa racionalidade e sermos protegidas legalmente... Como seria? Acho que a gente deve se permitir pensar e viver um pouco na direção dessa pergunta, para que ela não fique no âmbito da hipótese e passe a constituir as nossas realidades sociais – porque, por um lado, a gente tem um debate moral acirrado e muito difícil de ser levado a cabo, mas por outro, nós temos questões legais, que precisam ser pensadas de um modo um pouco separado das questões morais para que a gente possa ter uma convivência social fundada na liberdade, fundada num ideal democrático (pois também não podemos nos estagnar no âmbito da imaginação, no âmbito da ideia). Então, é muito importante que a gente consiga, em algum momento, avançar nas questões legais para que a gente possa, realmente, ter uma experiência de corpo a partir do lugar da liberdade, seja ele qual for – seja o nosso corpo o qual for. É isso. Muito obrigada pela oportunidade de estar aqui com vocês e falar sobre esse assunto.

Renato Matoso: Muito obrigado, Nastassja, pela contribuição. Queria passar a palavra diretamente para a professora Cecília. Por favor, Cecília.

Maria Cecília Coelho: Bom, eu também (como a Nastassja) agradeço a oportunidade de participar deste encontro e acho, em oposição a essa distopia (eu me lembro de “O conto da Aia”, um filme muito impressionante que agora virou série, que podemos ter uma visão mais otimista, utópica, como a da Nastassja, uma hipótese, como ela diz). Com isso em mente, gostaria de voltar a Platão. Quero lembrar uma passagem de um diálogo em “O Banquete”, que é sempre lido (inclusive no ensino médio), porque ele é muito atraente, já que trata do amor. A palavra grega para “banquete” é symposium e se refere a esses jantares nos quais se conversava também sobre temas filosóficos — a iconografia mostra, principalmente por meio de vasos gregos, muitas dessas ocasiões. E há imagens que são muito curiosas, para dizer o mínimo, porque elas retratam corpos — corpos de homens, corpos de mulheres — e às vezes em posições um tanto desvantajosas para as mulheres — mas essa é outra história. A obra é curiosa, porque é uma das poucas de Platão (a única, na verdade) que tem uma mulher, que é Diotima, com quem Sócrates teria aprendido sobre o amor. Em uma das partes, Diotima fala de uma educação dos sentidos, uma educação para ser filósofo. É muito complicada essa

passagem, porque ela diz em certo momento o seguinte: “abandone tudo o que é corpo, tudo o que é cor, que é imagem, enfim, tudo que é desnecessário (fluarias, palavra grega que é traduzida como 'ninharias mortais')”. Então, a filosofia tem que lidar com esse conselho socrático, um texto tão poderoso, tão atraente (como é o texto de Platão) e que reverbera até hoje, porque ela é muito ligada a conceitos, em oposição às coisas e às suas imagens — o corpo, os sentidos sempre foram um tema complicado e às vezes um obstáculo para o conhecimento da verdade, e muitas vezes ligados à esfera do feminino — sei que a afirmação requer muita discussão). Creio que há um papel da filosofia, um papel nosso para pensar uma utopia: uma convivência mais que tolerante com as pessoas, mais respeitosa, porque é o respeito que buscamos. No que a filosofia pode contribuir? Um modo é voltar aos antigos e reler textos que foram fundantes para a sociedade ocidental e, ao reler esses textos criticamente, contextualizando-os, para entendermos de onde vieram certos (pre)conceitos, certas ideias que ainda hoje reverberam, minimizar os percalços que podem dificultar essa convivência solidária entre homens e mulheres. Estudar a história da filosofia — é a ideia ciceroniana da história como a mestre —, os textos clássicos, ajuda-nos a compreender como certas visões se formaram e a pensarmos como a podemos reformar e reconstruir visões de homem, de mulher e de sociedade.

Renato Matoso: Muito obrigado, Cecilia. Queria passar então a palavra para a professora Gisele, por favor. Muito obrigado.

Gisele Secco: Novamente, obrigada pelo convite para participar dessa conversa. Vou enfatizar a parte da pergunta – que diz respeito a nossa última pergunta que é como a filosofia pode contribuir para a lida com essas questões e para a construção de uma sociedade mais igualitária – sublinhando coisas que já disse antes, reforçando um ponto: uma vez que o que a gente da filosofia faz é trabalhar com problemas ou hipóteses conceituais e análises de conceitos e de argumentos os mais variados, acredito que tanto no ambiente escolar quanto no ambiente extraescolar e extra-acadêmico – quer dizer, nos debates públicos; que, por sinal, são poucos e de baixa densidade democrática no nosso país – a filosofia tem, por causa de sua própria natureza, de lidar com esses problemas conceituais, tem muito a colaborar para a produção, para o pensamento, para a construção ideal de uma cidade – de um lugar de viver – bom, de uma sociedade boa, justamente discutindo essas questões “o que é uma sociedade?”, “quais são os conceitos de homem e mulher?”, “como a gente encarna essa linguagem na nossa vida cotidiana, nas nossas ações cotidianas?”. Quer dizer, é a atávica ideia socrática de que a filosofia é uma oportunidade de prestação de contas consigo mesmo – essa

ideia de que a filosofia é o momento em que a gente coloca em tela de juízo as nossas opiniões pessoais, mas também as nossas opiniões como grupos sociais distintos. Então, acredito que a gente tem uma função importante – e, a meu ver, de novo, a via de formação de professores e a via de vazão da filosofia na escola, podem ser (ou deveriam ser, creio) encaradas como uma boa via de inserção da reflexão filosófica na sociedade, já que a juventude está aí sempre cheia de questões e de questionamentos (muitas vezes de bater de frente, assim, com o que está posto) e essa postura questionadora favorece muito o pensamento; quer dizer, não só refletir, mas também agir de maneira um pouco mais bem pensada ou pensada de acordo com certa reflexão acurada que a filosofia pode fornecer. Espero que essas trocas que a gente realizou aqui, nesse momento, possam reverberar em conversas e projetos futuros para que possamos, de fato, estar construindo aos poucos esse lugar melhor para viver em que sejam respeitadas as liberdades e as igualdades a que todos temos direito. Então, novamente, muito obrigada. E até uma próxima.

Renato Matoso: Obrigada, Gisele. Queria então passar a palavra para o nosso colega Fabio Oliveira. Por favor, Fabio.

Fabio Oliveira: Bom, eu também queria reforçar meu agradecimento por estar aqui conversando com vocês hoje. É um prazer imenso poder tratar desse tema na filosofia, entre filósofas e filósofos, que estão pensando essa questão, a partir de seus lugares de pesquisa, de ensino, de extensão. Bom, acho que a filosofia, ela pode contribuir de várias formas, há várias metodologias a serem empregadas e penso que podemos acioná-las de diferentes formas. Penso que, inclusive, esse encontro é uma dessas formas de poder contribuir socialmente com a reflexão pública sobre determinadas questões; e aqui, em especial, gêneros, e sexualidades, e feminismos e todos esses atravessamentos que perpassam a experiência de ser alguém nessa sociedade marcada por violências, opressões das mais diversas – dentro e fora do meio acadêmico. Então, acho que a filosofia também deve abraçar para si a tarefa de conversa entre pares – como nós estamos fazendo aqui – mas também uma proposta para além dos muros da universidade. Penso que a filosofia tem esse dever mesmo de dar uma contrapartida social, de pensar de que forma essas teorizações acerca das nossas relações, os conteúdos dessas teorizações, os métodos que vão sendo empregados têm algum efeito concreto na vida das pessoas. É importante a gente quebrar esse estigma da filosofia : de que ela está separada do mundo. Nós somos sujeitos iminentemente políticos e, por isso, a filosofia que a gente trata, ela é parte desse mundo – pelo menos eu tenho percebido dessa forma, e tenho abraçado a filosofia dessa maneira. Então, acho que a filosofia tem muito a

contribuir; a filosofia tem muito a aprender com as outras áreas, assim como as outras áreas – de uma forma dialética – tem muito a aprender com a filosofia. Então, me parece que construir espaços de interlocução entre diferentes áreas, a partir de diferentes perspectivas, com diferentes sujeitos, é uma forma filosófica de contribuir para uma sociedade mais igualitária.

Renato Matoso: Muito obrigado, Fabio. Bom, acho que resta a mim, agradecer aos quatro professores aqui presentes e que, realmente, nos deram uma grande aula e ofereceram diversos esclarecimentos sobre o assunto. Gostaria, para terminar nosso bate-papo dessa manhã, passar a palavra para o nosso querido Gabriele Cornelli, para uma mensagem de encerramento em nome da UNESCO e da Cátedra Archai. Muito obrigado a todos vocês que participaram, foi realmente muito bom e muito agradável. Por favor, Gabriele.

Gabriele Cornelli: Muito obrigado, Renato, por me passar a palavra nesse final. Eu ouvi com muita atenção e quero agradecer a Cecilia, Nastassja, Gisele e Fabio, porque, de fato, a conversa correu como esperávamos, por conseguirmos debater um tema polêmico, mas – como vocês bem mostraram – um tema que vem sendo problema para as mulheres e para os homens já há muito tempo. Um debate sereno, ainda que jamais desengajado. Eu creio que as notícias nos jornais desses dias e os livros que nós lemos enquanto filósofos, há dois mil e quinhentos anos, nos mostram que esta questão ainda precisa de uma grande atenção por parte de todos nós. Eu quero agradecê-los especialmente por ter trazido esta discussão – esta, me permitam, insanidade – da tal “ideologia de gênero”, que está invadindo, infelizmente, as nossas escolas aqui no Brasil (e não só no Brasil, pela verdade). Me parece muito importante, de novo, esse engajamento, essa capacidade que nós temos de conspirar junto, enquanto gente da filosofia, contra essas novas modas que – para nós aqui, da Cátedra UNESCO Archai – nos parecem reedições das caças às bruxas, reedições que nós conhecemos há muitos e muitos séculos. Muito obrigada a todos, então, e espero revê-los muito em breve – aqui na tela, ou, quiçá, presencialmente. Obrigado.

Notas

¹ Fabio Alves Gomes Oliveira, professor de Filosofia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro, Brasil; Gabriele Cornelli, professor da Universidade de Brasília (UNB), Brasília; Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Brasil; Gisele Dalva Secco, professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Brasil; Nastassja Pugliese, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil; Renato Matoso Brandão, professor dos Programas de Graduação e Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), Brasil.

Recebido em: 05/03/2018
Aprovado em: 19/09/2018